

TOPE E O RECURSO AO CORPUS: O EXEMPLO DA ABORDAGEM CONTRASTIVA

Lucie Gournay¹

RESUMO: A Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas reivindica analisar os fatos de línguas como aparecem em enunciados (por oposição às frases). Essa perspectiva abriu caminho à análise de corpus autênticos, notadamente entre os linguistas culiolianos que trabalham sobre várias línguas, como é o caso dos trabalhos de Jacqueline Guillemin-Flescher (1981 inter alii). Neste artigo, a autora se apoia sobre um fato de língua – a forma *COME+ING* em inglês em *she came running in* – para precisar o posicionamento da TOPE com relação ao recurso a corpus *ad hoc* de pequeno tamanho. A forma *COME+ING* em inglês constitui um problema de tradução (Chuquet 2004) de modo que muitos esquemas de tradução são atestados para tentar exprimir em francês o aspecto subjetivo e vívido da construção. A partir de um corpus de textos literários principalmente do século 19, Chuquet 2004 mostra que é a tradução em francês por *VENIR* que é a mais frequente. Esse resultado está em contradição com os resultados obtidos a partir de dois corpus ultracontemporâneos utilizados neste estudo (CODEXT/LINGUEE). A heterogeneidade nos resultados lembra a importância da dimensão diacrônica, tornada ainda mais saliente no exercício da tradução. Chamando a atenção para a complexidade do fenômeno de tradução trabalhado, o autor mostra os limites da análise sobre corpus muito pequenos e suas vantagens, pois ela permite uma análise qualitativa fina compatível com uma classificação de operações de localização em vez de marcadores.

Palavras-chave: Enunciação – corpus *ad hoc* – *COME+V-ING* – tradução – estudos de tradução.

RÉSUMÉ: La Théorie des Opérations Prédicatives et Enonciatives revendique d'analyser les faits de langues tels qu'ils apparaissent dans des énoncés (par opposition aux phrases). Cette perspective a ouvert la voie à l'analyse de corpus authentiques, notamment chez les linguistes culioliens travaillant sur plusieurs langues, comme c'est le cas avec les travaux de Jacqueline Guillemin-Flescher (1981 inter alii). Dans cet article, l'auteure s'appuie sur un fait de langue – la forme *COME+ING* en anglais dans *she came running in* – pour préciser le positionnement de la TOPE par rapport au recours à des corpus *ad hoc* de petite taille. La forme *COME+ING* en anglais constitue un problème de traduction (Chuquet 2004) de sorte que plusieurs schémas de traduction sont attestés pour tenter de rendre en français l'aspect subjectif et vivide de la tournure. A partir d'un corpus de textes littéraires principalement du 19^{ème} siècle, Chuquet 2004 montre que c'est la traduction en français par *VENIR* qui est la plus fréquente. Ce résultat est en contradiction avec les résultats obtenus à partir de deux corpus ultra contemporains utilisés dans cette étude (CODEXT/LINGUEE). L'hétérogénéité dans les résultats rappelle l'importance de la dimension diachronique, rendue encore plus saillante dans l'exercice de la traduction. Tout en attirant l'attention sur la complexité du phénomène de traduction à l'œuvre, l'auteur montre les limites de l'analyse sur corpus très petits et ses avantages, puisqu'elle permet une analyse qualitative fine compatible avec une classification des opérations de repérages plutôt que de marqueurs.

Mots-clés : Enonciation – corpus *ad hoc* – *COME+V-ING* – traduction – *translation studies*.

Introdução

Nos trabalhos de Antoine Culioli, os exemplos – como *Jean, son père, il est à Paris* (Culioli 1999, T2, 104) – não são extraídos de um corpus formalizado. Culioli utiliza exemplos que ele produz intuitivamente ou, às vezes, apresentados como tendo sido

¹ Université Paris Est, EA IMAGER, 94000 Créteil. Email : lucie.gournay@u-pec.fr

escutados. Ele os introduz por meio de enunciados que permitem a sua ancoragem em um intercâmbio fictício. Assim, encontram-se exemplos introduzidos por “Se você diz em um dado momento” ou “E agora se você diz” (Culioli 2002 : 51). Vê-se a diferença com o clássico “Tomemos um exemplo”, típico de um procedimento normativo.

Os exemplos de Culioli fogem do ordinário para um linguista dos anos 1970. Isso se verifica porque, em primeiro lugar, eles se opõem a exemplos não enunciáveis “de gramáticos” , como **Un chat est sur le paillasson* vs. *Il y a un chat sur le paillasson* (ibid, 133). Em segundo lugar, isso se evidencia através da complexidade ou da originalidade dos seus exemplos: como todo exemplo enunciativamente bem formado é passível de ser integrado ao seu raciocínio, Antoine Culioli leva em consideração enunciados que apresentam grande complexidade linguística, tal como *Non mais des fois !* (Culioli 1999, T3, 135), e que devem, obrigatoriamente, ser ligados a um contexto reconstruído e indicado com precisão: “Por exemplo, a X que diz: ‘Você pode me emprestar 1.000,00 francos?’, Y poderá responder rejeitando o pedido com indignação, graças a esse *non mais des fois !*” (Ibid).

Com esses enunciáveis, ele se opõe aos exemplos sintáticos cuja aceitabilidade depende da introspecção do seu autor e que podem ser duvidosos. Cada exemplo enunciável é considerado, por meio de um trabalho de glosa metalinguística (Lebaud & Kloog 2013), em comparação com outros exemplos que são ou não enunciáveis.

Assim, na base da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), encontram-se:

- um procedimento hipotético-dedutivo baseado em exemplos aceitos por todos e escolhidos pelas propriedades que os tornam enunciáveis (e não unicamente pelas suas propriedades sintáticas);
- um objetivo de variação e comparação que implica o recurso a exemplos não enunciáveis, levados ao debate para evidenciar a singularidade de marcadores que estão na origem do caráter enunciável de exemplos comparáveis verificados.

A partir de Guillemin-Flescher 1981, a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas munuiu-se de uma metodologia baseada na coleta de exemplos a partir de um corpus formalizado. Com efeito, visando analisar, de um ponto de vista enunciativo, as especificidades do inglês em comparação ao francês, Guillemin-Flescher 1981 apoia-se em um corpus literário de traduções do francês para o inglês, do qual são extraídos esquemas recorrentes de tradução. Paulatinamente, essa metodologia desenvolve-se e, quer se trabalhe sobre fatos de língua escrita (por exemplo, específicos da língua literária) ou sobre uma língua para a qual o linguista não tem a competência nativa, recorre-se, em dado momento do procedimento hipotético-dedutivo, a um corpus de exemplos autênticos para os quais se tem acesso ao contexto.

A fim de mostrar como o recurso ao corpus é considerado, tomarei um objeto de estudo preciso, o caso da tradução em francês da forma inglesa COME+-V-*ing*. O objetivo deste artigo é mostrar como, na perspectiva contrastivista enunciativa, se baseia a análise recorrendo-se a um corpus e como são avaliados os limites e as falhas desse procedimento.

1 As especificidades do posicionamento da TOPE

A Teoria de Antoine Culioli é uma reflexão sobre a linguagem baseada na exploração dos fatos de língua. O objetivo consiste em reunir indícios linguísticos de funcionamento singular. Para tanto, recorre-se à modelização das operações de determinação do sentido. A exploração dos fatos de língua e a sua coleta formam a primeira etapa desse procedimento. Nesta parte, lembrar-se-á quais são os tipos de problemas tratados pela TOPE, o que permitirá compreender as questões metodológicas subsequentes.

1.1 Intersubjetividade vs. operações enunciativas

Como lembra Vogüé 1992, a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas não se interessa pelo enunciado como lugar de intersubjetividade ou de posicionamento. Distingue-se, então, a enunciação segundo Benveniste, que ele define no artigo *O Aparelho formal da enunciação*², da enunciação segundo Culioli que, por sua vez, considera o processo de construção do enunciado.

No entanto, há um mal-entendido (Ibid, 87) decorrente do fato de uma das mais importantes operações na construção do enunciado apoiar-se na determinação com relação a uma fonte origem. Essa fonte origem é designada pelo termo *enunciador*.

(...) a construção enunciativa procede de operações de determinação, e, em particular, pela determinação de pontos de vista diferenciados. Esses pontos de vista são chamados de referências enunciativas (dever-se-ia dizer referências colocadas em jogo pelo processo de enunciação). Dentre estas, distingue-se uma referência origem, designada, por essa razão, como a referência enunciador... (Ibid, 81)

Assim, na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, o termo “enunciativo” deve ser interpretado como remetendo às operações constitutivas do enunciado. Como lembra Michel Viel no prefácio de *Variations sur la Linguistique* (Culioli 2002), “essa concepção [a de Benveniste] da enunciação, ao mesmo tempo rígida e restritiva, não é a de Culioli, para a qual não há *não* enunciativo.”

De acordo com Culioli, o enunciador é então a referência abstrata situada na base de todas as determinações de um enunciado. Ele é recuperável pela análise do enunciado e não mantém relação direta com um locutor. Por oposição, o enunciador de Benveniste é associável ao locutor real e se materializa no enunciado por meio de marcadores de subjetividade.

Com essa primeira explicação, vê-se que as problemáticas tratadas pela TOPE revelam, por meio do estudo de línguas, funcionamentos mais gerais ligados à linguagem.

Desse ponto de vista, pode-se de certo modo aproximar a TOPE das gramáticas gerativas.

1.2 Sintaxe vs. operações predicativas

A sigla TOPE foi utilizada pela primeira vez quando Sarah de Vogüé³ proferiu uma série de conferências (1986) no exterior, referindo-se dessa maneira ao título do seminário de Antoine Culioli na Universidade Paris 7. Uma das razões pelas quais essa sigla circulou logo em seguida deve-se, sem dúvida, ao parentesco que ela permitia construir implicitamente com as gramáticas gerativas, elas próprias designadas por siglas: GB, HPSG, LFG, CG.⁴

Assim, a TOPE distinguia-se de abordagens ditas enunciativas, voltadas para o dialogismo, a polifonia, a argumentação, etc., para juntar-se ao grupo de correntes linguísticas teóricas que se interessam pela linguagem e estudam o funcionamento das línguas.

Com efeito, os problemas de linguística enfrentados pelos linguistas da TOPE e pelos gerativistas são muitas vezes os mesmos. É isso que se pode mostrar por meio de um quebra-cabeça tirado do francês corrente.

² Benveniste (1970)

³ Eu agradeço Sarah de Vogüé por ter respondido as minhas perguntas sobre a variante TOPE/TOE. Em minha grande ingenuidade, estava convencida que a TOPE havia aparecido depois de TOE.

⁴ Mas todas essas siglas estão em inglês: Government and Binding, Head-Driven Phrase Structure Grammar, Lexical Functional Grammar, e Cognitive Grammar.

- (1) Je vais me la faire (*je vais la cogner, je vais l'avoir...*)
Il va se la faire (*il va la cogner, il va l'avoir...*)
- (2) *Je vais me te faire (pour dire : *je vais te cogner*)

Se os enunciados em (1) são atestados com o sentido detrimtoso tal como explicado entre parênteses, a variante proposta em (2) não é atestada. Vê-se aí emergir uma impossibilidade sintática ligada a uma mudança de pronome, já que o beneficiário em (2) é identificado a um co-enunciador (cf. *te*), o que não é o caso em (1), onde se remete a um beneficiário (cf. *la*) definido em absoluto, fora da situação de enunciação.

Quebra-cabeças como esse são tipicamente problemas que interessam os gerativistas e os linguistas da TOPE. A diferença está na abordagem epistemológica, baseada em fundamentos opostos.

Em primeiro lugar, a TOPE baseia-se na ideia segundo a qual o sentido somente é apreendido em função de traços materiais encontrados no enunciado (incluindo, dentre outros, os traços prosódicos). Nos anos 80, a TOPE assim distingue-se das gramáticas que constroem a sua abordagem sobre a hipótese de uma estrutura profunda.

Em consequência, as gramáticas gerativas formalizam um estado de língua idealizado, muitas vezes afastado da realidade da língua produzida. Para tratar a restrição ilustrada pela comparação de (1) e (2), um linguista gerativista procurará destacar outros testes e manipulações, fazendo variar os elementos da combinatória⁵.

Para o linguista da TOPE, o primeiro trabalho consistirá em ampliar o corpus de observáveis com exemplos, a fim de ver se outras propriedades não emergem. Dentre essas propriedades, algumas dizem respeito ao enunciado em seu perímetro estreito e, outras, ao enunciado ampliado a seu contexto. Na maioria dos casos, essa extensão do campo de observáveis passa pela coleta de exemplos autênticos, em um corpus oral ou escrito.

(3) J'adore ce genre de livre !! **je vais me le lire celui-là** !!⁶

(4) Si je te demande de te souvenir d'un nombre compliqué, disons 1'376'848'621, **tu vas te le répéter** plusieurs fois dans ta tête et tu vas finir par t'en souvenir⁷.

(5) Rosetta a rendez-vous avec son copain le Rocher et **elle va se le faire**...mais en douceur, comme prévu pour le plan des approches !⁸

Vê-se nos enunciados (3) e (4), por exemplo, que o valor detrimtoso desaparece, apesar de uma configuração sintática idêntica, e que, em (5), ele aparece em um contexto contrastivo particular (cf. *mais en douceur...*).

No corpus, encontrar-se-ão outros tipos de observáveis: os segmentos que não se acham, aqueles pouco frequentes, os frequentes, etc. Dito de outra maneira, os dados que se forjam a partir de um corpus integram o procedimento hipotético-dedutivo, ao lado de outros dados tais como os inenunciáveis do tipo visto em (2) ou, ainda, o valor interpretativo, quando incontestável.

No que seguirá, o interesse estará voltado para a maneira de forjar os dados, a partir de um corpus bilíngue, com o objetivo de conduzir a análise de um fato de língua contrastivo. Para tanto, estudar-se-á um fato de língua que constitui um problema de tradução já conhecido.

⁵ Pode-se imaginar, por exemplo : Je vais me faire le traître vs. *je vais me le traître faire / *je vais me faire toi vs.* je vais me te faire.

⁶ www.cestmafournee.com/2012/02/pain-de-mie.html

⁷ <http://forums.futura-sciences.com/biologie/521597-test-de-memoire-alzheimer.html>

⁸ <http://tempsreel.nouvelobs.com/sciences/20140802.OBS5375/comete-la-sonde-rosetta-a-l-heure-du-rendez-vous.html>

2 COME+V-ING e suas traduções em francês

A construção COME + V-ING levanta problemas de tradução em razão da complexidade da forma, que não tem equivalente exato em francês. Como diz Chuquet 2004, “tem-se muitas vezes a impressão de não conseguir traduzir plenamente em francês” (ibid, 59). Intuitivamente, essa construção parece ligada à expressão de um deslocamento que cria um acontecimento inesperado para alguém. É isso que se vê nos exemplos a seguir:

(6) About midnight, while we still sat up, the storm **came rattling** over the heights in full fury.

(7) The block fell into another spire and with a clangor of noise that echoed across the room, the castle **came tumbling down**⁹. (Chuquet, 2004, 58)

Em (6), exprime-se o pavor causado pela tempestade que cai não longe da casa. Em (7), trata-se do desmoronamento de um castelo de brinquedo, subsequente a uma ação desastrosa da criança. Nos dois casos, o enunciado permite a representação de um estrondo. Em (6), é o processo RATTLE que constrói essa representação, já que RATTLE significa, fora de contexto, *fazer um barulho contínuo de estalo*. Em (7), a dimensão sonora é expressa explicitamente pelo GP *with a clangor of noise*.

Nas ocorrências de COME+V-ING, V -ING é muitas vezes seguido de uma partícula ou de uma locução preposicional que permite construir um resultado. É o caso em (7), com a partícula DOWN.

Isto explica porque Chuquet 2004 declara a respeito de COME+V-ING, estudado por ela em obras literárias, que se trataria da “representação orientada de um evento percebido” (ibid, 58). Com efeito, para a autora, a construção permite representar um evento que implica um deslocamento e colocá-lo como percebido com relação a um ponto de referência, que lhe serve igualmente como ponto de chegada. Trata-se de uma determinação déitica complexa – com relação a So como ponto de referência em uma situação de enunciação – e subjetiva – com relação a So como sujeito que percebe. Em outras palavras, constrói-se a ideia segundo a qual o termo do deslocamento está identificado com um ponto de referência subjetivo, de modo que o acontecimento tem um impacto sobre So.

Na passagem ao francês, a construção COME+V-ING levanta dificuldades de tradução que levam o tradutor a fazer escolhas. Eis as traduções de (6) apresentadas em Chuquet (2004, 58):

(6) About midnight, while we still sat up, the storm **came rattling** over the heights in full fury.

(6') (trad. S. Monod) La tempête **se déclencha à grand fracas** au-dessus de Hurlémont (...)

(6'') (trad. F. Delebecque) L'orage **vint s'abattre en pleine furie** sur les Hauts (...)

Em (6'), é o valor aspectual de COME que é privilegiado com a tradução por “se déclencha”. Essa escolha significa privilegiar a representação de um acontecimento repentino e neutralizar o ponto de vista subjetivo.

Em (6''), o que é privilegiado, pela escolha de traduzir por VENIR, é a operação de determinação déitica com relação a um ponto referência interno à situação descrita. Assim, na tradução francesa, o ponto de vista subjetivo é aquele em destaque.

Para estudar as traduções de COME+V-ING, com o objetivo de determinar quais fatores fazem com que, na tradução, a escolha tenda para este ou aquele valor, é necessário constituir um corpus de enunciados autênticos e sua tradução em francês. Um primeiro objetivo, estando o corpus constituído, é determinar as opções de tradução recorrentes.

⁹ Extraído de *Venture to midnight: Masquerade*, de Bryan Pedas, 2005, p. 59.

A seguir, concentrar-me-ei nesse primeiro objetivo, abordado em primeiro lugar com foco nas dificuldades para se constituir um corpus. Assim, ver-se-á que os empregos de COME+V-ING e as opções de tradução privilegiadas diferem de maneira não trivial em função de propriedades do corpus – o número de exemplos, os gêneros de discurso, a data de produção dos exemplos, etc. Essa variedade, associada ao caráter limitado de corpus *ad hoc*, torna aleatórias as conclusões sobre a caracterização, em qualquer contexto, de COME+V-ING e as escolhas de tradução privilegiadas.

3 Quais os recursos para constituir um corpus de exemplos bilíngues?

Constituir um corpus de trabalho com enunciados originais e as suas traduções é muito difícil e levanta um problema ético importante.

O primeiro problema está ligado ao aspecto quantitativo, como mostra Zanettin 2013. Com efeito, não existem bases de memórias de tradução suficientemente confiáveis, ao contrário dos grandes corpus unilíngues digitalizados (cf. COCA BYU, BNC, etc.), que permitem fazer com que variem os registros orais e escritos, os grandes gêneros de discurso ou as datas de produções. Independentemente do paralelo eventualmente traçado entre os diferentes tipos de corpus úteis para estudar a tradução (corpus bilíngues de tradução, corpus comparáveis, um misto dos dois), ao focar-se apenas em corpus bilíngues de textos originais e na sua tradução, surge uma lacuna que torna necessária certa forma de bricolagem, indo do corpus *ad hoc*, constituído pelo próprio linguista, à extração de memórias de tradução pouco confiáveis.

Com efeito, encontram-se na Internet algumas bases de dados bilíngues muito práticas, como WEBITEXT ou LINGUEE, que disponibilizam aos internautas memórias de tradução, a partir das quais se podem fazer pesquisas. No entanto, as buscas possíveis são limitadas, devido à função inicial dessas memórias, a saber, fornecer recursos aos tradutores ou aprendizes de tradutores. Assim, no âmbito de um procedimento de pesquisa em linguística, essas bases de dados são insuficientes por várias razões.

Primeiramente, ainda que se possa recolher uma série de pares de exemplos, não é sempre possível saber qual é o exemplo de origem com relação ao exemplo que resulta da tradução.

Além disso, a qualidade da tradução não pode ser apreendida com base em informações sobre o tradutor, o que é factível quando se trabalha com traduções publicadas: constata-se, por exemplo, que o tradutor é um profissional e não um amador ou uma máquina. O problema da qualidade não é negligenciável, como mostra Kübler 2013, quando ela se dirige aos tradutores e aos linguistas em uma parte cujo subtítulo eloquente é “*Por que utilizar outros corpus diferentes de Linguee?*».

As pesquisas limitam-se ao reconhecimento de sequência de caracteres, já que os textos utilizados não foram previamente anotados. Assim, contrariamente às buscas possíveis pelo COCA BYU, por exemplo, em WEBITEXT ou LINGUEE, a pesquisa por categorias ou lemas (que seria muito útil no caso de COME+V-ING) é, então, impossível nessas duas bases com livre acesso; a pesquisa por gênero de discurso também não é possível.

Por todas essas razões, a abordagem contrastiva, que tem por objeto as especificidades de uma língua com relação a uma outra, por meio do estudo de fatos de língua precisos, apoia-se sempre em corpus *ad hoc* ou *DIY corpora*, de tamanho pequeno, inteiramente administráveis pelo linguista, que localiza, ainda muitas vezes pela leitura, as formas que lhe interessam.

A grande falha desses *DIY corpora* reside em seu caráter confidencial. Como eles foram constituídos pelo linguista com o objetivo de trabalhar um fato de língua preciso e podendo incluir questões de direitos autorais, muitas vezes não são acessíveis aos leitores para verificações, as quais poderiam dizer respeito, por exemplo, às frequências obtidas ou à coerência do *corpus design*.

Outra falha fundamental refere-se à quantidade. Para alguns fatos de língua, pouco frequentes e até mesmo raros, pode ser muito difícil recolher exemplos. Como consequência, a análise somente pode se basear em algumas dezenas de exemplos. Os corpus de pequeno tamanho têm um aspecto de amostragem que obriga, no mínimo, a uma grande prudência na elaboração de hipóteses.

Com relação à tradução de COME+V-ING, apresentarei, na parte a seguir, os resultados obtidos para três corpus diferentes. Compararei os resultados obtidos a partir do corpus de Chuquet 2004, de LINGUEE e de um corpus em desenvolvimento chamado CODEXT.

4 Tipo de corpus e variações de resultados

Antes de estabelecer as diferenças observadas nos *corpus* reunidos por esse estudo, é necessário lembrar os esquemas de tradução obtidos por Chuquet 2004. Veremos que esses esquemas, ligados a marcadores, igualmente aparecem nos novos *corpus*, mas que uma abordagem através dos valores privilegiados é igualmente possível. Isso será visto para o valor aspectual.

4.1 Os esquemas de tradução de COME+ V-ING

Em seu artigo, Chuquet 2004 distingue 4 esquemas de traduções. O mais frequente é ilustrado em (7).

(7) "Arthur!" yelled Mary.

Arthur **came running back** and Mary gave him a stinging smack on the jaw.
(Chuquet 2004, 63, ex. 7)

(7') - Arthur, hurla Mary.

Arthur **revint en courant** et Mary lui donna une gifle cinglante sur la joue.

Na tradução, os verbos VENIR ou REVENIR aparecem. Mesmo que a relação entre COME e V-ING não seja necessariamente equivalente à relação de subordinação entre VENIR e a forma EN + V-ANT, como diz Chuquet 2004, vê-se nesse esquema de tradução o reflexo de traduzir COME ou COME BACK por seus presumidos equivalentes. Trata-se também de privilegiar a expressão de uma determinação subjetiva assegurada em francês por VENIR, cujo caráter deítico é estabelecido, inclusive em alguns dicionários (Sikora 2009). No entanto, contrariamente ao inglês, o processo expressado em francês pelo gerúndio é predicado secundariamente.

O segundo esquema observado em Chuquet 2004 é aquele da tradução por ARRIVER. Como destacam vários autores (Bourdin 1999, Sikora 1999, entre outros), embora VENIR e ARRIVER possam se alternar em alguns enunciados, várias características os distinguem. Não somente o valor deítico é próprio a VENIR, mas VENIR permite igualmente "referir ao deslocamento em sua totalidade, alvo incluído" (Bourdin 1999, 188), enquanto ARRIVER remete ao lugar não genérico que valida o deslocamento enquanto trajeto (ibid, 186).

(8) He had a long way to run but he never stopped once on the way and he **came bursting in** upon Mrs. Fox.

La route était longue mais il ne s'arrêta pas une seule fois et **il arriva en courant** vers Dame Renard. (Chuquet 2004, 64, ex. 9)

Aqui, vê-se que o processo que qualifica *bursting in* em inglês é reencontrado em uma estrutura gerundial em francês (cf. *courant*). Globalmente, constata-se uma perda generalizada da determinação com relação a um ponto de vista subjetivo, por causa da

escolha de *arriver*, que substitui o deítico *come*, e da opção por *courir* com relação a *bursting in*, que exprime igualmente uma avaliação subjetiva que vai além da simples representação do modo de deslocamento. No entanto, com *arriver*, uma determinação com relação a um lugar já conhecido é conservada. O acontecimento continua, de alguma maneira, orientado em relação a um ponto referência.

O terceiro esquema observado por Chuquet 2004 é aquele de uma tradução que neutraliza toda determinação com relação a um ponto de vista ou a um ponto referência que seria um ponto de chegada antecipado.

(9) Suddenly an enormous bathtub **came sailing out** from one of the second floor windows (...)

Une énorme baignoire voltigea d'une fenêtre du deuxième étage (...) (Chuquet 2004, 66, ex. 12)

Chuquet 2004 nota que, quando uma tradução por *arriver* é impossível em razão do caráter inanimado do sujeito (aqui *bathtub*), então a versão em francês não pode manter nada além da determinação do deslocamento com relação ao ponto de partida e neutraliza toda representação subjetiva.

Em alguns casos, nota-se, na tradução ao francês, um déficit de informação com relação ao que é expresso em inglês. É o que acontece, por exemplo, quando o ponto de referência de partida também não é evocado.

(10) Impulsively, Alex gives them the finger and hurriedly backs away from the wall, as **the cans come flying**.

Pris d'une impulsion subite, Alex leur fait un doigt d'honneur avant de s'écarter précipitamment du mur tandis que **les canettes volent**. (Codext, *The autograph man*, Smith)

Em (10), na passagem ao francês, só o acontecimento (cf. *les canettes volent*) é expresso, independentemente de um ponto referência, seja ele subjetivo ou espacial.

O quarto esquema mencionado em Chuquet 2004 ilustra o caso em que, como em (11), um processo de percepção é explicitado na tradução em francês.

(11) As I laid down my pen, a moment since, to think of it, the air from the sea came blowing in again, mixed with the perfume of the flowers; (...)

En posant ma plume, il y a un moment, pour y réfléchir, **j'ai senti de nouveau l'air de la mer** mêlé au parfum des fleurs. (*David Copperfield*, Charles Dickens).

Em (11) em inglês, a percepção fica implícita, sendo o deslocamento orientado do ar do mar o predicado, em função de um ponto de vista subjetivo que se confunde com o ponto de resultado. Em francês, ao contrário, permanece tão somente a predicação de uma percepção com relação a uma fonte de origem.

Para além desses 4 esquemas de tradução, existem traduções não significativas que não são assimiláveis a um esquema generalizável (Chuquet 2004, 62).

4. 2 COME+V+ING e a ancoragem em uma situação específica de percepção

O corpus de Chuquet 2004 é composto de 50 enunciados extraídos de obras literárias majoritariamente escritas no século 19 (Dickens, Carroll, Brontë...)¹⁰. A fim de

¹⁰ O corpus contém também excertos de 2 obras de Roald Dahl.

examinar se os esquemas de tradução poderiam ser verificados em escala mais ampla, as pesquisas foram feitas em duas bases de dados bilíngues: LINGUEE e CODEXT.

Em Linguee, na ausência de uma sintaxe de pesquisa, as buscas foram lançadas levando-se em consideração resultados obtidos a partir de mega-corpus em <http://corpus.byu.edu/>¹¹. Com efeito, no COCA-BYU, pode-se obter uma lista dos verbos mais frequentes na estrutura COME+V-ING. Constata-se que a maioria deles remete ou a um modo de mudança de localização (*come running, flying, walking*) ou a uma ação que produz barulho (*come roaring, tumbling, knocking*). Levando em consideração os limites quantitativos de LINGUEE e as proporções constatadas para cada um dos 14 verbos mais frequentes no COCA-BYU, coletamos 50 exemplos com 13 verbos diferentes, dos quais 15 RUN, 6 CRASH, 6 RUSH, 4 CALL, etc.¹²

No CODEXT, a sintaxe de pesquisa comporta, em comparação com o Linguee, um operador de proximidade que permite recuperar todas as ocorrências de COME(S) / CAME que têm na vizinhança uma forma verbal em V-ING. Para cada resultado, obtém-se o enunciado original em seu contexto e o enunciado equivalente em francês encontrado na tradução publicada do romance. A fim de termos corpus comparáveis, guardam-se 50 exemplos, com uma variedade de 34 verbos em V-ing, dos quais 6 RUN, 3 RUSH, 2 CRASH, 2 FLY, etc.

Os dois novos corpus *ad hoc* constituídos remetem a gêneros textuais diferentes. Assim, em comparação com o corpus de Chuquet 2004, COME+V-ING aparece, no corpus LINGUEE, em excertos majoritariamente não literários, às vezes qualificáveis como informais e nos quais não se constrói uma situação de percepção.

(12) While the tragic images of unimaginable suffering, destruction and devastation were being broadcast non-stop for weeks around the world, aid **came pouring in** from everywhere.

Alors que les images tragiques et insoutenables de souffrance, de destruction et de dévastation déferlaient en continu, des semaines durant, sur tous les écrans de la planète, les secours **sont arrivés de partout**. (Linguee)

(13) Swissair, the world's most admired airline, **came crashing down** after buying up lame ducks in a desperate bid to secure new routes.

Le fleuron des compagnies aériennes mondiales, Swissair, **a été pulvérisé** par une politique de rachats d'entreprises financièrement peu saines dans la quête désespérée de routes aériennes. (Linguee)

Vê-se nesses dois exemplos que as estruturas COME+V-ING remetem a acontecimentos constatáveis em uma situação concreta específica. Há em (11) socorros, caracterizados por sua diversidade, assim como, em (12), uma falência econômica. Embora uma interpretação metafórica de percepção seja possível, constata-se, no entanto, uma diferença importante com o corpus literário de Chuquet 2004, pois o ponto de referência construído por COME é dificilmente recuperável. A estrutura serve, sobretudo, para significar o caráter brutal ou surpreendente do acontecimento representado pelo enunciador.

No corpus literário CODEXT¹³, os exemplos coletados são similares àqueles do corpus literário de Chuquet 2004, com exceção de 5 deles, semelhantes àqueles do corpus LINGUEE. Majoritariamente, como aqui em (13), o contexto permite traçar a construção de um ponto de vista subjetivo:

¹¹ Criado por Mark Davies, Brigham Young University.

¹² O verbo LOOKING FOR é tirado da seleção. Em outros trabalhos (a serem publicados), mostro que a estrutura « come + V-ING » é uma homotaxia: conforme o verbo V-ING e a possibilidade ou não de colocar um advérbio antes de V-ING, trata-se de uma outra estrutura, diferente da estudada aqui.

¹³ O Codext é um dispositivo de memórias de tradução tratado pelo programa LOGITERM (Terminotix). Na memória de tradução utilizada para esse estudo, há 63 excertos de romances contemporâneos (1990-2015) e sua tradução publicada em francês. Cada excerto corresponde a, no máximo, 10% do romance total. As informações sobre o CODEXT são acessíveis mediante solicitação ao autor.

(13) He reached and shook the boy, keeping his eyes on the road. **They came shuffling** through the ash casting their hooded heads from side to side.

Il étendit le bras et secoua le petit, les yeux toujours fixés sur la route. **Ils approchaient en traînant les pieds** dans la cendre, secouant d'un côté puis de l'autre leurs têtes encapuchonnées. (Codext, *The Road*, C. McCarthy)

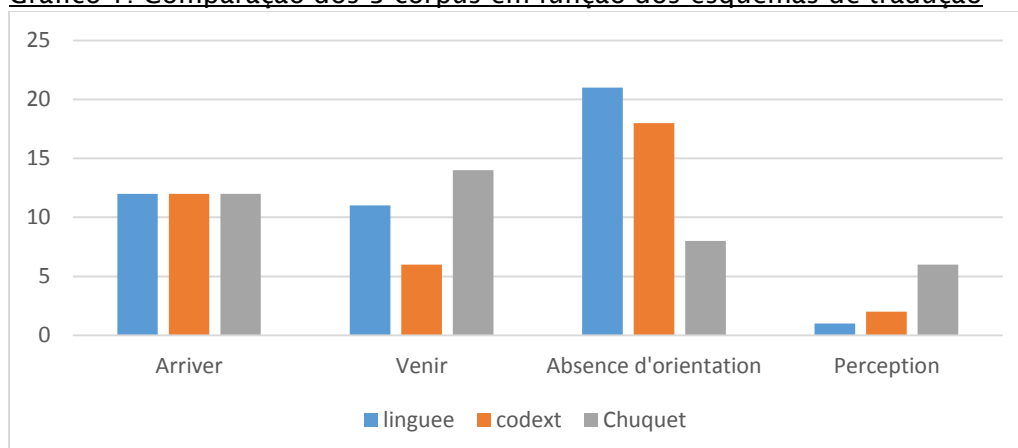
Em (13), os segmentos sublinhados constroem explicitamente a situação de percepção cujo objeto é a aproximação de estranhos com rostos que não se distinguem.

Assim, uma primeira comparação revela que a estrutura COME+V-ING pode ser associada a dois contextos: um relativo à construção de uma situação de percepção e outro assimilável a um emprego metafórico, permitindo destacar o aspecto inesperado do acontecimento.

5 Definir a prioridade para o tradutor

Se retomamos a tipologia dos esquemas de tradução de Chuquet 2004, constatamos vários pontos de interesse. Ainda que a proporção de tradução por *arriver/accourir* seja similar para os três corpus, nota-se divergências nas quantidades relativas aos 3 outros esquemas recorrentes.

Gráfico 1: Comparação dos 3 corpus em função dos esquemas de tradução



Nos corpus contemporâneos, observa-se uma forte tendência em prol de uma tradução que neutraliza toda expressão de orientação com relação a um ponto referência. Apesar do seu caráter contemporâneo, ambos os corpus – heterogêneos em razão do tipo de discurso – distinguem-se na proporção de traduções por *venir/revenir*. Enfim, nota-se que os dois corpus literários registram resultados que apresentam contrastes (fora a tradução por *arriver*).

A heterogeneidade dos resultados pode decorrer de uma falha metodológica ou do fato de a estrutura COME+V-ING ter evoluído, ou ainda da questão dos tradutores estarem hoje mais propensos a se afastarem do texto de origem. Se é difícil argumentar por esta ou aquela hipótese, resta que um trabalho mais qualitativo pode ser conduzido a partir desses resultados.

Com efeito, por trás desses esquemas de tradução focalizados em marcadores, constatamos, nos dois corpus contemporâneos, tendências interessantes em termos de valores.

Distingue-se, por exemplo, um valor aspectual passível de ser escolhido para melhor traduzir o efeito de COME+ V-ING. Então, é o caráter pontual do acontecimento aquele destacado em francês. Esse valor aspectual encontra-se novamente em traduções com verbos de incoação (cf. 6' *déclencha*) ou expressões como *faire irruption, faire son entrée*.

(14) The sound of an approaching siren pierces the air. A constable **comes running** into the room and whispers something to Godbole.
Le bruit des sirènes qui se rapprochent déchire l'air. Un agent **fait irruption** dans la pièce et chuchote quelque chose à Godbole. (Codext, *Citadel*, Moss)

Na tradução em francês, é o aspecto súbito aquele destacado, em detrimento de uma informação sobre o modo de deslocamento (cf. *run*) ou sobre a orientação do deslocamento. A determinação com relação ao ponto referência (cf. *la pièce*) é deduzida do contexto (cf. *se rapprochent*), mas não construída no enunciado *Un agent fait irruption etc.* O destaque do valor aspectual é atestado no corpus CODEXT e não em Linguee, o que pode ser explicado pela necessidade de uma ancoragem em uma situação específica. Na mesma linha de pensamento, ao analisar de mais perto os enunciados que ilustram o esquema de neutralização dos valores subjetivo e aspectual, pode-se falar, na tradução em francês, de um déficit informacional que pode ser problemático.

(10) Impulsively, Alex gives them the finger and hurriedly backs away from the wall, as the cans **come flying**.
Pris d'une impulsion subite, Alex leur fait un doigt d'honneur avant de s'écarter précipitamment du mur tandis que **les canettes volent**.

Em (10), na versão original, o valor aspectual de COME permite representar-se o voo das latas como um fato novo que desencadeia a mudança de localização "he backs away from the wall". Outras opções em inglês eram gramaticalmente possíveis, tais como *as the cans fly* (valor genérico) / *as the cans are flying* (sem delimitação temporal) / *as the cans start flying (towards him)*. No entanto, nenhuma dessas opções permitiria construir o que COME+V-ING constrói, a saber, uma dupla determinação espacial e subjetiva combinada com a determinação qualitativa trazida pelo processo de modo de deslocamento. Em francês, com *les canettes volent*, não há determinação com relação a um ponto de chegada espacial ou subjetivo (elas voam para onde?). Além disso, o presente não permite construir uma relação de consequência entre o voo das latas e a necessidade de se afastar da parede. É unicamente pelos dados contextuais que reconstituímos essa sequência: as latas são lançadas em direção a Alex, em reação ao gesto ofensivo que ele fez.

Para concluir, esse primeiro estudo baseado em corpus mostra que a tradução por VENIR+INF/GERÚNDIO não é, em que pese a equivalência de superfície, a tradução principal nos dois corpus contemporâneos. Caso se parta da ideia segundo a qual o tradutor tem uma atividade epilinguística, pode ser interessante observar melhor o corpus para descobrir (tal como se acaba de fazer aqui para dois exemplos, a título de ilustração) – além dos esquemas de tradução deduzidos pela emergência de marcadores precisos em francês – qual o tipo de determinação privilegiado na tradução francesa, em função de qual parâmetro (o verbo, o contexto etc.), e qual a importância da dedução contextual. Finalmente, o trabalho baseado em corpus contemporâneo mostra que atualmente o marcador complexo COME+V-ING é menos associado à representação de um ponto de vista subjetivo do que à expressão de um acontecimento brutal, inesperado ou cujo impacto é muito importante.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Emile (1970) "L'appareil formel de l'énonciation" in *Langages*, n°17, pp. 12-18.
- BOURDIN, Philippe (1999) "Deixis directionnelle et 'acquis cinétique': de 'venir' a 'arriver', a travers quelques langues", in *Travaux Linguistiques du CerLiCO*, pp. 183-203.

CHUQUET, Hélène (2004) "La structure come+ V-ing : venir, arriver et quelques autres traductions..." in *Contrastes*, L. Gournay et J.-M. Merle (eds), Paris, Ophrys, p. 57-68.

CULIOLI, Antoine et al. (2002) *Variations sur la linguistique*, Paris, Klincksieck.

CULIOLI, Antoine, (1999) *Pour une linguistique de l'énonciation, Tomes I-II-III*, Collection L'Homme Dans la Langue, Paris, Ophrys.

DE VOGUE, Sarah (1992) "Culioli après Benveniste : énonciation, langage, intégration" in *Linx*, n°26, pp. 77-108.

GUILLEMIN-FLESCHER, Jacqueline (1981) *Syntaxe comparée du français et de l'anglais, problèmes de traduction*, Gap, Ophrys.

KÜBLER, Nathalie (2013) "Traduction pragmatique, linguistique de corpus, traducteur : un ménage à trois explosif ?" in *Tralogy II*, <http://odel.irevues.inist.fr/tralogy/index.php?id=288> consulté le 15 janvier 2016.

LEBAUD, Daniel, Ploog, Katja (2013) "Paraphrases, reformulations et gloses : points de vue linguistiques". <halshs-00821809>

SIKORA, Dorota (2009) "Arriver et venir – quand la deixis fait (et ne fait pas) la différence," in *Pratiques*, 141-142, pp. 138-149.

ZANETTIN, Federica (2013) *Corpus Methods for Descriptive Translation Studies*, in *Social and behavioral sciences* 95, pp. 20-32.

Recebido em: 10/08/2016. Aceito em: 21/10/2016.